diaphora

REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

sprgs

SEÇÃO 1 | Prêmio Chico Pedro | 3° lugar Categoria estudantes

Fake news e sua categoria tipológica de violência na contemporaneidade

Fake news and its typological category of contemporary violence

Henrique Borba Bittencourt[1] ***e Gabriel Licoski dos Santos***[2]

Resumo: O presente estudo teve como objetivo investigar o conceito de *fake news* e sua tipologia de violência na contemporaneidade. Nesse sentido, foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados Lilacs, Pepsic, Scielo e Medline Foram utilizadas as palavras-chave "*Fake News*", "Violência" e "Contemporaneidade". Com os artigos achados e pesquisas externas foram selecionados um total de 25 referências que possuíam relação com tal temática entre elas livros, notícias e artigos. A literatura consultada aponta que as *fakes news* podem se enquadrar em todas as categorias tipológicas da violência contemporânea. Ao longo desta pesquisa verificou-se que a história da violência está intrinsecamente conectada com a história da comunicação e da tecnologia. Nesse sentido, registra-se aqui que ainda se faz necessário um maior aprofundamento a respeito do tema tendo em vista a pouca produção quando comparada aos impactos que tal temática vem causando na sociedade.

Palavras-chave: Fake news; Violência; Contemporaneidade.

Abstract: This study aimed to investigate the concept of fake news and its typology of violence in contemporary times. In this sense, a bibliographic survey was performed in the databases Lilacs, Pepsic, Scielo and Medline. The keywords "Fake News", "Violence" and "Contemporaneity" were used. With the article findings and external research, a total of 25 references were selected that were related to such theme among them books, news and articles. The consulted literature points out that fake news can fit into all typological categories of contemporary violence. Throughout this research it was found that the history of violence is intrinsically connected with the history of communication and technology. In this sense, it is noted here that there is still a need to deepen the theme in view of the low production compared to the impacts that such theme has been having on society.

Keywords: Fake news; Violence; Contemporaneity.

[1] Graduando do curso de Psicologia da UNICNEC de Osório/RS. E-mail: iqueb2@gmail.com .
[2] Graduando do curso de Psicologia da UNICNEC de Osório/RS. E-mail: biellicoski@gmail.com .

Introdução

O presente artigo tem por objetivo investigar acerca da classificação tipológica e categórica de violência, na qual a *fake news* está inserida; recapitulando alguns conceitos e fatos históricos, além de analisar seus efeitos na sociedade contemporânea, com o fim de tentar identificar a categoria de violência na qual o conceito de *fake news* poderia ser enquadrado, aumentando assim as possibilidades e ferramentas de prevenção e posvenção.

A escolha deste tema justifica-se por meio da atualidade do tema; a abrangência do termo; e seu impacto na atualidade. Ao final deste apresenta-se a análise dos efeitos da *fake news* e a violência na contemporaneidade, tecendo a narrativa, por meio dos escritos produzidos por Recueiro, Moura, Braga, além dos autores clássicos, como Freud, Foucault e Hannah Arendt e suas respectivas versões de violência e poder, num paralelo com a contemporaneidade.

Metodologia

A metodologia escolhida para tal projeto foi a de revisão de literatura, exploratória. Desse modo, foram selecionados artigos contendo as seguintes palavras-chave, "*Fake News*", "Violência" e "Contemporaneidade". Nas bases de dados: Lilacs, Pepsic, Scielo e Medline. Foram critérios de inclusão utilizados neste estudo, artigos de 2009 à mais recentes e que dissertem sobre a tipologia da violência das *fake news*. Após a leitura dos títulos dos artigos, notou-se a repetição de alguns e a inequação de outros que não preenchiam os critérios definidos anteriormente.

Devido ao pequeno número de artigos restantes, foram utilizados sites externos fora as plataformas supracitadas. Restando um total de 24 referências utilizadas que preenchiam os critérios para utilização neste estudo entre elas revisões bibliográficas, do relatório mundial de violência e saúde produzido pela Organização Mundial da Saúde,

Conceito de violência

Ainda não há um conceito fechado de violência, mas dentre os conceitos mais aceitos, temos o da Organização Mundial de Saúde (OMS), o qual define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.[3]

É válido observar que nessa definição é utilizada a palavra poder junto do termo força física, como um dos objetos ativos para a realização da violência, fugindo do conceito popular de violência, o qual seguindo Moreira "é o uso da força de alguém para alguém com objetivo de dano", pois quando abordamos a palavra poder, saímos do simples plano concreto e dirigimos os olhares também para o simbólico, no qual a violência também se faz presente, seja como abuso moral, psicológico, por omissão e negligência, dentre outros, podendo gerar um resultado até mesmo mais patológico, que a violência física por si só.

> É importante enfatizar que a violência psicológica causa, por si só, graves problemas de natureza emocional e física. Independentemente de sua relação com a violência física, a violência psicológica deve ser identificada, em especial pelos profissionais que atuam nos serviços públicos, sejam estes de saúde, segurança ou educação. Não raro, são detectadas situações graves de saúde, fruto do sofrimento psicológico, dentre as quais se destacam: dores crônicas (costas, cabeça, pernas, braços etc), síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares. Como já dito anteriormente, isso significa que a violência psicológica deve ser enfrentada como um problema de saúde pública pelos profissionais que ali atuam, independentemente de eclodir ou não a violência física. (Coelho & Caponi, p.8 , 2007)

A conceitualização da OMS(2002) permite questionar não apenas a forma pela qual a violência se manifesta, mas também sua intencionalidade, e os seus impactos para o agressor(es) e para a(s) vítima(s) seja(m) ela(s) direta(s) ou indireta(s). Sobre a intencionalidade dentro do ato de violência, o WRVH[4] produzido pela OMS (2002) relata que devemos observar os alguns fatores. Primeiramente, mesmo que ocorram atos de violência não intencionais que acabem por produzir ferimentos, a intenção de usar a "força" em determinado ato não significa que há invariavelmente a intenção de causar dano. Desse modo, uma grande disparidade entre o comportamento intencional e a consequência intencional. O agressor pode cometer um ato de forma intencional que, de forma objetiva, pode ser considerado perigoso e, possivelmente, ter resultados adversos para a vítima, mas não o perceber assim. Tal padrão de comportamento é percebido no exemplo relatado por Arendt (p. 17, 1963):

> A atitude de Eichmann era diferente. Em primeiro lugar, a acusação de assassinato estava errada: "Com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não-judeu — nunca matei nenhum ser humano. Nunca dei uma ordem para matar fosse um judeu fosse um não judeu; simplesmente não fiz isso", ou, conforme confirmaria depois: "Acontece [...] que nenhuma vez eu fiz isso" — pois não deixou nenhuma dúvida de que teria matado o próprio pai se houvesse recebido ordem nesse sentido.

O segundo fator comentado no WRVH(2002), é que se deve distinguir a intenção de ferir e a intenção de "usar violência", a qual é culturalmente determinada, havendo pessoas que querem ferir ou prejudicar outras, mas segundo sua formação cultural e crenças, não consideram seus atos violentos. Por exemplo, bater nos seus dependentes e parceiros(as), atos esses que podem ser vistos por certas pessoas como práticas culturais aceitáveis, mas são considerados atos violentos com importantes efeitos na saúde do indivíduo.

De forma geral, segundo Minayo (2005) a violência é um fato humano e social, não havendo evidências de que alguma sociedade ao longo da civilização humana foi totalmente isenta de violência. Sempre consistindo no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar

[3] No Original: "The intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, that either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, maldevelopment or deprivation". Recuperado em: https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf. Acessado em: 28/06/2019. tradução do autor.

[4] World report on violence and health

danos a terceiros, sejam eles indivíduos, grupos e coletividades, o fato de haver sociedades mais violentas do que outras, acaba por evidenciar o peso da cultura no processo de solução de conflitos, de forma que a violência acaba por se tornar histórica, visto que em cada sociedade, dentro de épocas específicas, apresenta suas particularidades. Por exemplo, o modelo de violência social, política e econômica da época colonial brasileira que era manifestada, não é a mesma que se vivencia hoje, num mundo que passa por grandes transformações, ocorrendo então uma atualização da tipologia e manifestação da violência, com o passar dos tempos.

Tipologia da violência contemporânea

Segundo o WRVH (2002) existem poucas tipologias para as violências, não sendo nenhuma muito abrangente. A tipologia aqui proposta pela OMS no WRVH (2002) divide este fenômeno em três categorias, separadas de acordo com as singularidades do agressor perante seu ato: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva.

Estas categorias estabelecem entre si as diferenças entre a violência que uma pessoa inflige a si mesma, aquela realizada por outro indivíduo ou por um pequeno grupo de indivíduos e a violência feita por grupos maiores, como estados, grupos políticos organizados, grupos de milícia e organizações terroristas. Estas três grandes categorias são ainda subdivididas, a fim de categorizar ainda mais os tipos específicos do espectro da violência.

Assim, segundo o WRVH (2002), a violência autodirigida está subdividida em comportamento suicida e agressão auto infligida. O primeiro inclui ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídios propriamente ditos, enquanto a autoagressão inclui comportamentos de automutilação ou autolesão. Violência interpessoal divide-se em duas subcategorias: a. violência de família e de parceiros íntimos: ocorre principalmente entre membros da família ou entre parceiros íntimos; b. violência na comunidade: entre indivíduos sem relação pessoal, podendo ou não serem conhecidos, geralmente ocorrendo fora dos lares.

O primeiro grupo inclui tendenciosamente formas de violência como abuso infantil, violência entre parceiros íntimos e maus-tratos de idosos. O segundo grupo inclui violência da juventude, atos variados de violência, estupro ou ataque sexual por desconhecidos e violência em instituições como escolas, locais de trabalho, prisões e lares geriátricos.

A violência coletiva, por sua vez, encontra-se subdividida em violência social, política e econômica. E diferentemente das demais categorias, suas subcategorias sugerem possíveis motivos para que ocorram atos de violência por parte de grandes grupos ou por países. A violência social é cometida com o fim de realizar um plano específico, este podendo gerar um grande impacto social o que inclui, por exemplo, crimes de ódio, praticados por grupos organizados, atos terroristas, dentre outros.

A violência política engloba a guerra e conflitos violentos a ela relacionados, violência do estado e atos afins praticados por grandes grupos. Violência econômica inclui ataques de grandes grupos motivados pelo lucro econômico, tais como ataques realizados com o propósito de desintegrar a atividade econômica, impedindo o acesso aos serviços essenciais, ou criando divisão e fragmentação econômica. Sendo certo que os atos praticados por grandes grupos podem conter múltiplas motivações e intenções.

Conceito de *fake news*

A propagação de notícias falsas ou mentirosas tomou os holofotes da comunidade internacional, passando a serem descritas como *fake news*. Segundo Braga (p. 205 2019) a *fake news* pode ser conceituada como "a disseminação, por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica".

Em alinhamento com as ideias de Braga, temos a visão de Allcot e Gentzkow (2017) os quais também conceituam a *fake news* como "sinais distorcidos não relacionados com a verdade". Assim o caráter de abrangência da *fake news* em nossos tempos se dá na medida em se torna possível a inclusão do uso de diferentes formas de comunicação, próprias das atualidades, como propagadoras de informações inverídicas.

Já para Soprana e Varella (2018) "o termo *fake news* está sujeito a interpretações de várias nuances. A depender do contexto, pode significar informação imprecisa, manchete sensacionalista, peça humorística, charge irônica, discurso de ódio ou conteúdo propagandístico" dando a entender que esta é dotada de uma intencionalidade voltada para a possibilidade de enganar o leitor, visto que suas informações são certificadamente falsas.

Em meio a construção das mentiras organizadas rotuladas de *fake news*, e amplamente divulgada pelas pessoas em geral, voltamo-nos para uma questão de "anestesia" moral, o que segundo Ramos (2017) contribui no afastamento da relação do "nós" e os "outros", o que por sua vez nos aproxima de um regime totalitário e alienado de informações dúbias.

> Eis, portanto, alguns dos ingredientes que conduziram à anestesia moral que presidiu a política de extermínio do III Reich: mentira organizada, massas indiferentes à vida pública e à política, in diferença mordaz em relação à morte e desprezo cínico em relação à vida e ao outro.

É válido lembrar que após os escândalos ocorridos sobre a influência das *fake news* no resultado eleitoral norte americano do ano de 2016, a expressão *fake news* veio a ser eleita em 2017, pelo dicionário Collins como a palavra a palavra do ano, designando o significado como "falsa, frequentemente sensacionalista, informação disseminada sob o disfarce de reportagem"[5].

Pós-verdade

Para entender melhor o conceito de *fake news*, é preciso entender o conceito de pós-verdade, visto que essa terminologia foi sua precursora. Segundo Mereles (2017) o termo pós-verdade existe há mais de uma década, embora o dicionário Oxford tenha percebido uma alta no uso da palavra exatamente no ano de 2016, se referindo principalmente a saída do Reino Unido da União Europeia e das eleições estadunidenses. Além disso, se mostrou bastante usado na forma de termo comum a política, posteriormente adotando a alcunha de pós-verdade nesta área, tendo seu destaque durante os eventos supracitados principalmente devido às diversas notícias falsas que foram publicadas via sites, em páginas de Facebook, Youtube, chamando atenção

[5] No original: false, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting. Tradução do autor.

como o público as absorveu como verdadeiras exatamente porque gostariam que fossem verdadeiras.

Para Mereles (2017) "um mundo com a pós-verdade é uma realidade em que acreditar, ter crença e fé de que algo é verdade é mais importante do que isso ser um fato realmente.". Desta forma, essa terminologia aparece num período no qual a sociedade internacional de forma ampla propaga mentiras, fofocas e boatos num ritmo acelerado, formando um ambiente global propício para a formação de grupos ideológicos nos quais os integrantes confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional da imprensa, ou até mesmo das definições de verdades, concebidas pela comunidade científica, se atendo ao conceito de verdade utilizado pelo seu grupo.

Segundo o dicionário Cambridge a definição proposta é a seguinte: "[o que é] relacionado a uma situação em que as pessoas são mais propensas a aceitar um argumento baseado em suas emoções e crenças, ao invés de um baseado em fatos"[6], consolidando a definição anteriormente referida, ao dizer que a torcida pessoal ou opinião do grupo vale mais do que os fatos, mantendo assim a ideia de bolha social.(Branco, 2017)

Para o psicanalista Christian Dunker (p. 29, 2017), há três traços que marcam discursivamente a pós-verdade:

a. A aceleração, entendida como sendo um "fenômeno da cultura da performance generalizada, derivada do universo da produção e da soberania do resultado", se referindo ao número demasiado de informações que em muitas vezes acabam dificultando a compreensão cautelosa dos fatos.

b. A retórica icônica desses discursos, grandes quantidades de informação sendo apresentada em blocos, exigindo que a leitura seja feita "toda de uma vez", o que proporciona, com a mesma intensidade, o domínio da informação e o seu total esquecimento.

c. O traço discursivo, onde a pós-verdade "está muito ligada a certos esquemas de ação e protocolos de funcionamento" (p. 30), evidenciando por meio da pós-verdade o caráter cognitivo das convicções, enquanto traz à tona uma pré-programação de determinados estados de pensamento e seus consequentes esquemas de ação. Ou seja, aqui os discursos de pós-verdade se estruturam, cognitivamente, através de certos esquemas de pensamento os quais orientam, de maneira semelhante todos os "crentes", o modo padrão de funcionamento dos discursos. Há, desta maneira, uma relação de validade para cada discurso de pós-verdade, de forma que não se obedece ao critério de veracidade epistêmica, mas sim a critérios de racionalidade, como os regimes de convicção.

Ainda para Dunker (p. 38, 2017)

> [...] alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa de referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes. Penso que o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira.

Mais uma vez apresentando um alinhamento de pensamento semelhante com o de Braga (2018), onde apesar que parte da informação seja verdadeira, ainda é intricadamente compenetrada de interesses e falsidade.

História da *fake news* e da pós-verdade

As *fake news* e a pós-verdades embora sejam bem atuais, não tiveram seu começo na última década, no decorrer da história da humanidade, múltiplas *fake news* foram utilizadas como mecanismo de controle das massas, inúmeros fatos de pós-verdade utilizados para impulsionar essas mesmas, movidos por uma força coletiva, provinda de líderes invisíveis que determinam, os mais diversos aspectos da sociedade, por meio dos atos de propaganda, levando a humanidade a tomar diversas vezes rumos duvidosos, ou até mesmo catastróficos.

Há governantes invisíveis que controlam os destinos de milhões. Geralmente, não se percebe até que ponto as palavras e ações de nossos mais influentes homens públicos são ditados por pessoas astutas que operam Por trás das cenas. Nem o que é ainda mais importante, a extensão quais nossos pensamentos e hábitos são modificados por autoridades. (Bernais, p.35, 1928)[7]

Como alguns fatos históricos mundiais, podemos citar os boatos que levaram inúmeras vítimas à morte, por acusação de bruxaria durante a Idade Média, fato este que voltou a se repetir entre 1692 e 1693, na cidade de Salem com a execução de vinte pessoas e a morte em prisão de outras cinco, também pela acusação de bruxaria(Lincolins, 2019). O assassinato de judeus, ainda durante a idade média, pela acusação de serem os responsáveis de envenenar os poços de água, propagando a peste negra para assim serem protegidos por Satã, não contraindo a doença, além de serem acusados de sacrificarem crianças em seus rituais (Lincolins, 2019).

Uma outra *fake news* que teve grande impacto na história do mundo foi o *Protocolo dos Sábios de Sião*, um livro publicado originalmente na Rússia em 1903, que continha supostas atas de uma reunião do fim do século 19, contendo conspirações de como os judeus dominariam o mundo, controlando a imprensa e a economia mundial. O conteúdo foi traduzido para vários idiomas tendo uma grande propagação no passado. Com a Ascensão nazista em 1933, o conteúdo foi usado como propaganda contra os judeus.

Com a Alemanha inflamada pelos ideais partidaristas de Adolf Hitler, difundidos por meio do Ministério de propaganda, comandado por Goebbels, cuja a frase célebre "uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade." se faz presente até hoje(Araujo, 2018, p.58) apoiou massivamente os princípios

[6] No original: relating to a situation in which people are more likely to accept an argument based on their emotions and beliefs, rather than one based on facts.Tradução do autor.

[7] No original: There are invisible rulers who control the destinies of millions. It is not generally realized to what extent the words and actions of our most influential public men are dictated by shrewd persons operating behind the scenes. Nor, what is still more important, the extent to which our thoughts and habits are modified by authorities. BERNAIS. Edward. Propaganda. P.35. Tradução do autor.

de seu líder, dentre os quais fazia-se presente o ódio antissemita, princípio este que cresceu rapidamente, promovido pelo regime nazista, propagando ele forma intensa e repleta de *fake news*, através de programas de rádio, jornais, filmes, dentre outros, movimentando o povo por meio de sua paixão nacional extremista, característica essa, comum da pós-verdade. Em meio a essas *fake news*, e de tanta desinformação surgem os princípios de bolhas psicossociais(Moura,2018, p.42)

Os rumores são uma importante forma de comunicação social, e a sua disseminação tem um papel significativo numa variedade de relações humanas. A disseminação de rumores pode moldar a opinião pública num país, impactar fortemente os mercados financeiros, e causar pânico numa sociedade durante guerras ou surtos de epidemias. O conteúdo informativo dos rumores pode ir desde o simples boato até propaganda avançada ou material de marketing. Os mecanismos de rumor formam a base do fenômeno do marketing viral, onde as empresas exploram as redes sociais dos seus clientes na Internet de forma a promoverem o seu produto através da chamada "palavra-de-e-mail" e da "palavra-da-web". Finalmente, os rumores formam a base de uma importante classe de protocolos de comunicação, chamados algoritmos de boato, que são usados para disseminação em grande escala de informação na Internet, e em aplicações de partilha de ficheiros *peer-to-peer* (Moreno et all, 2007, pp. 457-470).[8]

Segundo Moura (P.42-43) essas bolhas psicossociais coexistem de forma fracionada, dentro da esfera pública, essa sendo o espaço de diálogo e participação política das pessoas que compõem a sociedade. Entre os espaços encontrados dentro desta, há a esfera política, sendo mais fechada que a anterior. Considerando que é domínio da esfera pública que a sociedade forma a opinião sua opinião, visto que este é de forma propicia um espaço de discussão e tomada de decisão. Esta esfera necessita da participação de meios intermediários, sendo estes os mecanismos de comunicação de massas, que por sua vez constroem a ligação entre a esfera pública, a esfera privada e a esfera política.

Atualmente com o advento da globalização por meio da internet, se tornou facilmente possível pôr em contraposição às sociedades fechadas, visto que agora as informações são acessíveis a qualquer indivíduo, se considerarmos a ideia de que "a Internet compreende um espaço público sem intermediários ou reguladores institucionais, possibilitando novas maneiras dos sujeitos conviverem, pensarem e se manifestarem." (Medeiros, 2013, pp. 27-28). Atravessado com o pensamento de Medeiros, Moura (2018,p. 43)diz que "a internet e as redes sociais não são mais do que uma extensão dessa esfera pública, "sendo um novo espaço social reconfigurado, apresentando com novas regras para a interação da massa e novos preceitos para a normativa social, que vem se desenvolvendo por meio da fobia aos processos "desinformativos".

Efeitos da *fake news* e a violência na contemporaneidade

Como um dos efeitos históricos das *fake news* na sociedade, também propiciado pelo avanço tecnológico, temos segundo Recuero (2009) a criação de microesferas públicas, visto que as redes sociais fragmentaram-se ideologicamente, se reconstituindo em "bolhas" onde apenas algumas opiniões e ideias transitam com liberdade, de forma que mesmo dentro das comunidades virtuais, essas que são pequenas esferas sociais, onde o espaço de debate mesmo que democrático, se torna fechado, ambiente este mais que propício para a reprodução de fatos de pós-verdade, que por sua vez potencializam o processo de radicalização das pessoas que estão dentro dessas bolhas, promovendo ainda mais as *fake news*.

Com a radicalização das pessoas introduzidas nessas bolhas, vem ocorrendo em seu introspecto a polarização dessas microesferas, e em um mundo tão polarizado, esse antagonismo, faz com que a sociedade se inflame como outrora a Alemanha durante o regime nazista, Segundo Moura (2018,p. 43), como essas pessoas não se confrontam com opiniões diferente a delas, suas crenças pessoais se polarizam cada vez mais. E não acontece apenas nas redes sociais, mas em toda a internet por meio de algoritmos, que se constroem de forma personalizada, com o fim de que usuário possa ter acesso fácil aos conteúdos que já lhe interessam.

Assim mais uma vez pondo em voga a frase de Goebbels, porém alinhada com o pensamento de Braga(2019, p.205) acerca da temática na contemporaneidade "se uma mentira repetida mil vezes se torna verdade, com o advento da internet uma mentira pode ser repetida, cantada, recitada, filmada e fotografada um milhão de vezes, atraindo a atenção de um grupo incontável de usuários que buscam informações na internet", com a crescente busca pela "verdade", contida em um oceano de informações, a única ferramenta segura a ser utilizada é o pensamento crítico apolar, em encontra a busca genuína pela informação, mesmo que ela seja contradita as opiniões pré-formadas detidas pelo seu interlocutor.

Em meio ao processo de alienação das microesferas, acabamos por vezes aderindo de forma patológica ao princípio do mal-estar na civilização trazido por Freud (1930,pp. 48-49), segundo o qual, ao trocar nossa liberdade por segurança, agimos de forma violenta contra nossos princípios (auto-violência) na intenção de se manter seguro e tendo sensação de validação fornecida, por essa microesfera.

Numa neurose individual, tomamos como nosso ponto de partida o contraste que distingue o paciente do seu meio ambiente, o qual se presume ser 'normal'. Para um grupo de que todos os membros estejam afetados pelo mesmo distúrbio, não poderia existir esse pano de fundo; ele teria de ser buscado em outro lugar (1930,p. 48).

Traçando um paralelo entre a micro e macrofísica do poder de Foucault(1987, p. 288) com o conceito de violência contemporânea e pós-verdade,

[8] No original: Rumours are an important form of social communications, and their spreading plays a significant role in a variety of human affairs. The spread of rumours can shape the public opinion in a country [1], greatly impact financial markets [2,3] and cause panic in a society during wars and epidemics outbreaks. The information content of rumours can range from simple gossip to advanced propaganda and marketing material. Rumourlike mechanisms form the basis for the phenomena of viral marketing, where companies exploit social networks of their customers on the Internet in order to promote their products via the so-called 'word-of-email' and 'word-of-web' [4]. Finally, rumour-mongering forms the basis for an important class of communication protocols, called gossip algorithms, which are used for large-scale information dissemination on the Internet, and in peer-to-peer file sharing applications. Nekovee, A., Moreno, Y., Bianconic, G., Marsilic, M., Theory of rumour spreading in complex social networks. in Physica A, vol. 374. 2007, pp. 457–470. Tradução do autor.

pode-se dizer que, de forma ampla, a sociedade se institucionalizou dentro dessas esferas públicas, isto por meio de uma violência auto infligida à sua liberdade plena, via técnicas disciplinares atuais, e já integrado com o meio no qual está inserido. Assim, passa a atuar de forma macro em seu meio, sendo mais que apenas integrante da sua verdade, mas propagador e senhor da mesma, determinando assim realidade dela para os outros, como uma forma de violência interpessoal.

As técnicas disciplinares, por sua vez, fazem emergir séries individuais: descoberta de uma evolução em termos de "gênese". Progresso das sociedades, gênese dos indivíduos, essas duas grandes "descobertas" do século XVIII são talvez correlatas das novas técnicas de poder e, mais precisamente, de uma nova maneira de gerir o tempo e torná-lo útil, por recorte segmentar, por seriação, por síntese e totalização. Uma macro e uma microfísica do poder permitiram, não certamente a invenção da história (já há um bom tempo ela não precisava mais ser inventada), mas a integração de uma dimensão temporal, unitária, cumulativa no exercício dos controles e na prática das dominações (Foucault,1987, p. 186).

Num último paralelo teórico contemporâneo, analisa-se a partir do conceito de banalidade do mal, de Arendt: refere-se àquele no qual o agressor realiza o ato sem a intencionalidade do fim útil de prejudicar o outro, sendo apenas uma ferramenta a ser utilizada, pelos "governantes invisíveis" (Bernais, 2017, p.35), classificando assim uma violência social, é um mal realizado sem se ter um pensamento crítico e reflexivo, ignorando as possíveis consequências de seus atos, ignorância esse fruto de uma consciência alienada e subserviente a qual não realiza o exercício do pensar. Esse nos faz mais que humano, nos faz pessoas e segundo Arendt "maior mal perpetrado é o mal cometido por ninguém, isto é, por um ser humano que se recusa a ser pessoa" (Arendt. Hannah, 2008. apud. Tessarolo. Felipe, 2016. sobre a banilidade do mal.)

Considerações finais

Por meio desta pesquisa, observamos que as *fake news* podem se enquadrar em todas as categorias tipológicas da violência contemporânea, apesar de não apresentar um sentido fixo de enquadramento, isso visto a fluidez pela qual a temática transita nas categorias tipológicas atuais. É possível inferir acerca da importância do pensamento crítico como fator humanizante, sobretudo em tempos de conflitos e guerras, e também como esse fator vai se perdendo e se reconstruindo no decorrer da história humana.

Ao longo desta investigação verificou-se que a história da violência está intrinsecamente conectada com a história da comunicação e da tecnologia. Assim, ao avançar de uma delas, a tríade toda tende a se descolar rumo ao novo, em consequência desta nova vertente conceitual e de produção, fortalecendo assim os laços que unificam suas histórias de maneira associativa. Como consideração final, registra-se aqui que em relação à temática da *fake news* foi constatado que ainda se faz necessário um maior aprofundamento do tema por meio de produções acadêmicas nacionais, visto a disparidade da proporção de artigos nacionais com o tamanho dos impactos causados por esse tema na realidade social brasileira.

Referências

Adorno, S. (2013). *A banalidade da violência contemporânea: o problema da anestesia moral*. pp. 79-101. Recuperado em 30 de junho de 2019, de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3484013/mod_resource/content/1/Eichmann%20em%20Jerusal%C3%A9m%2050%20anos%20depois%20Cap.%20S%C3%A9rgio%20Adorno%202pp%20pb.pdf.

Allcott, Hunt; Gentzkow, Matthew. (2017), P. 213, Apud Araujo, Felipe, 2018, P. 55. *As fake news e os desafios da liberdade de expressão*,2018. Recuperado em 29 de junho de 2019, de: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192590/TCC_Felipe_Molenda_Araujo.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

Arendt, Hannah. (1963). Pg 17. *Eichmann em Jerusalém / Hannah Arendt;* tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Arendt. Hannah, (2008). Apud. TESSAROLO. Felipe, (2016). Sobre a Banalidade do Mal. 2016. *Jornal de Debates*. Edição 886. Recuperado em 03 de julho de 2019, de: http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/sobre-a-banalidade-do-mal/.

Bernais. Edward. *(2017) Propaganda*. P.35. Recuperado em 02 de julho de 2019, de: https://www.pdf-archive.com/2017/01/17/edward-bernays--propaganda-1928/edward-bernays-propaganda-1928.pdf.

Botelho, Jóse. (2016). *Quem descobriu o Brasil*, Recuperado em 02 de julho de 2019, de: https://super.abril.com.br/historia/descobridores-do-novo-mundo/.

Braga, Renê. (2018). *A indústria das fake news e o discurso de ódio*. Recuperado em 30 de junho de 2019, de: http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4813.

Branco, S. (2017). *Fake News e os Caminhos para Fora da Bolha*. Recuperado em 30 de junho de 2019, de:http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4758/2017_branco_fake_news%20_caminhos.pdf?sequence=1.

Conceito de Fake News segundo o Dicionário Collins(2019). Recuperado em 30 de junho de 2019, de: https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news.

Conceito de Pós-Verdade segundo o dicionário Cambridge(2019). Recuperado em 30 de junho de 2019, de:https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/post-truth.

Dunker, Christian. (2017). *Subjetividade em tempos de pós-verdade*, P. 29. In: Dunker, Christian et al. Ética e pós-verdade. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense.

Fake News' é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. (2017) Recuperado em 30 de junho de 2019, de: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695#orb-banner.

Foucault. Michael. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão;* tradução de Raquel Ramalhete. p. 288.Recuperado em 03 de julho de 2019, de: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf.

Freud. Sigmund. *(1930)*. *O Mal-Estar na Civilização*.pp.48-49, Recuperado em 03 de julho de 2019, de: http://www.desenredo.com.br/O%20Mal-Estar%20na%20Civilizacao%20%20(Sigmund%20Freud.pdf.

IHU. (2009). Redes sociais são grupos de atores, Entrevista com Raquel Recuero. *Revista IHU On-Line*. Recuperado em 02 de julho de 2019, http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/23660-redes-sociais-sao-grupos-de-atores--entrevista-com-raquel-recuero.

Lincolins, Thiago. (2019). *Boatos que matam: os 10 casos mais destrutivos de fake news na história*, Recuperado em 02 de julho de 2019, https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/10-fake-news--historia.phtml.

Medeiros. Jackson. (2013). *Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política*. p.27-28 Recuperado em 02 de julho de 2019, em:http://www.scielo.br/pdf/tinf/v25n1/a03v25n1.pdf.

Mereles, Carla. (2017). *Notícias falsas e pós-verdade: o mundo das fake news e da (des)informação*. Recuperado em 30 de junho de 2019, em:https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/.

Moreira, Raquel. (2012). *A designação de violência em dicionários de língua Portuguesa*. Recuperado em 27 de junho de 2019, em: https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/6752/4074.

Moura, Zita. (2018). *Da mentira que se quer verdade: fake news*, uma velha chaga em novos tempos, P.42. Recuperado em 29 de junho de 2019, em:https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/82557.

Nekovee, A., Moreno, Y., Bianconic, G., Marsilic, M. (2007), *Theory of rumour spreading in complex social networks*. Recuperado em 03 de julho de 2019, de: http://leonidzhukov.net/hse/2015/socialnetworks/papers/Nekovee2007.pdf.

Organização Mundial da Saúde. (2002). *World report on violence and health*, p.23. Recuperado em https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf. Acessado em 30 de julnho de 2019.

Paiva, Vitor. (2018). *8 Fake News que mudaram o curso da história antes da era Trump*. Recuperado em 02 de julho de 2019, de: https://www.hypeness.com.br/2018/08/pega-na-mentira-8-fake-news-que-mudaram-o-curso-da-historia-antes-da-era-trump/.

Ramos, D. (2017). *A violência a partir do número e suas modelizações: mapeamento inicial*. Recuperado em 30 de junho de 2019, de:http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0279-1.pdf.

Silva, L. Coelho, E. Caponi. N. (2007). *Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica*. Recuperado em 27 de junho de 2019, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009.

Soprana, Paula; Varella, Gabriela. (2017). *Ecos da guerra aos fatos: Políticos e governantes de todo canto do mundo repetiram em 2017 o mantra de Donald Trump e classificaram reportagens e fatos de fake news*. Recuperado em 29 de junho de 2019, de:https://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2018/01/ecos-da-guerra-aos-fatos.html .